

# DOSSIÊS CRÍTICOS

Revista basicamente de análise e divulgação do cinema brasileiro, como atividade cultural, FILME CULTURA tem também um importante papel a cumprir no setor da *documentação* — em geral bastante falha — sobre a nossa cinematografia. Tal é a finalidade destes *dossiês* que, fruto de esforçado trabalho de coleta de material junto a variadas fontes, pretendem reunir as principais críticas publicadas sobre os mais destacados filmes brasileiros de produção recente, depois de lançados nacionalmente. Com a seção, julgamos estar fornecendo valiosos subsídios para os estudiosos e os pesquisadores do nosso cinema, no futuro.



Stepan Nercessian.

## BARRA PESADA

RIGOR, AMARGURA  
E LIRISMO

"*Barra Pesada* é um prêmio ao esforço que Reginaldo Faria vem desenvolvendo ao longo de sua carreira de ator e, depois de 1968, como diretor. Em Gramado, emparelhado, em nível técnico e em proposta, ao polêmico *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia*, de Hector Babenco. Este ganhou, repentinamente, uma ampla discussão que talvez agora, com o lançamento não sem tempo de *Barra Pesada*, coloque Reginaldo e sua obra na história do cinema brasileiro mais empenhado

em discutir o aspecto da violência dentro da sociedade brasileira.

É uma obra rigorosamente trabalhada, o que chega a ser surpreendente. Afinal, Reginaldo Faria era, até agora, o tipo do ator bem comportado que, presumia-se, não correria o risco de assumir, num único filme, uma posição semelhante à que abraçou ao adaptar para a tela o texto de Plínio Marcos, *Nas Quebradas da Vida*. Fiz uma entrevista com ele onde diz que adquiriu, com o tempo, a consciência de que cinema é discussão. Certo e não tardiamente.

As semelhanças entre sua obra e *Lúcio Flá-*

# BARRA PESADA

vio (que ele próprio interpreta e que lhe garantiu o prêmio de melhor ator em Gramado) não são meras coincidências. Vão do tema à habilidade de tratamento das situações. Babenco abordou, apoiado no livro de José Louzeiro, questões relacionadas com a luta aberta entre Lúcio Flávio e os que o exploravam sem lhe dar chances de redenção. *Barra Pesada* não comenta fatos, apenas se liga ficcionalmente ao nascimento, vida e morte de um pivete, Queró, que descobre a impossibilidade de safar-se do seu podre e miserável, violento e sofrido ambiente, seja por dificuldades de readaptação social ou, melhor, porque viu-se, sempre, acuado como cão raivoso, achacado por policiais corruptos que, a crônica policial não desmente, são também os responsáveis pela ascensão e fama que adquirem certos marginais que ainda teriam tempo suficiente para recuperarem-se.

O filme é claro. Queró, junto com Negritinho, companheiro fiel, é o modelo do pivete que habita qualquer metrópole. Garotão dos morros cariocas, sem passado e sem futuro, liga-se ao submundo por uma questão de sobrevivência. A marginalidade e a violência do meio sujeitam-no a uma única opção: ganhar um revólver, tornar-se um verdadeiro bandido. Diria ele então, ao se ver explorado tanto por policiais quanto por outros marginais safados (a dupla Teleco e Nelsão, ou Wilson Grey e Banzo Africano, gigolôs de pivetes) algo semelhante a um grito de revolta em que comenta irado, para o amigo, que bandido sem arma não tem personalidade. O poder, afinal, segundo o pensamento do moleque, está no cano de um revólver. Sem ele não há poder. O passo seguinte, a conquista da arma, é o calvário de Queró. A *máquina* transforma o delinqüente juvenil num marcado, perfeito perfil do marginal que apenas revela sentimentos nos instantes de devaneio com a garota, Ana (Katia D'Angelo), embora seja um sentimental que não consegue, por exemplo, apagar da memória a imagem da mãe (Ítala Nandi, num rápido aparecimento) e da vida dolorosa a que era submetida.

O processo se amplia aos poucos, ressaltado na narrativa em que Faria, com indisfarçável veemência dialética, põe a nu os podres do submundo. Ninguém, de fato, é bonzinho, nem Queró, nem Negritinho, menos ainda os parasitas do crime e os homens de uma lei virtuosa apenas nos compêndios jurídicos. O destino do personagem se identifica com o de centenas de párias que as manchetes dos jornais não citam, porque não ganharam o status de um Lúcio Flávio, embora tenham sido, tanto quanto ele, privados da possibilidade de qualquer opção. O destino de Negritinho, o amigo, obrigado a delatar Queró para continuar vivo, enquadra-se no mesmo retrato amargo, realista e despojado que Faria, apoiado no texto de Plínio Marcos, construiu na sua melhor e mais consciente realização. Ele poderia,



Ivan Cândido e Stepan Nercessian.

enfim, ter mantido o filme ao nível de um correto policial. Mas o discurso vai muito além, a violência das situações, que chega ao exagero, é às vezes tão incômoda que, ao espectador que ignora essa realidade trágica, a coisa pode até parecer uma mera invenção, produto do cinema.

Não é. Há impotência e desespero, há amargura e lirismo acompanhando cada reação de Queró diante de um universo que o embrutece cada vez mais e onde a única saída é ser sempre mais violento. Faria, com uma segurança digna de um maduro realizador — que ele só demonstra ser com este filme — não esconde, da platéia, momentos de nojo e revolta. Não existem heróis, existem criaturas envolvidas, massacradas por uma idêntica engrenagem, o que não impediu que a censura obrigasse o diretor a, no final, fazer um comentário acerca da punição depois aplicada aos policiais que usaram e abusaram de Queró. Bobagem, já que todo mundo sabe que a realidade só chega a tanto quando um caso dá manchete, e olha lá.

A crítica de *Barra Pesada*, se não atinge a publicidade de um *Lúcio Flávio*, é feita nas mesmas proporções. Ignorá-la, ou apenas digeri-la como alguma coisa saída da pura ficção, é ignorar, por exemplo, a realidade de uma Baixada Fluminense, ou a que vivemos aqui. É desconhecer, também, a intimidade do autor original, Plínio Marcos, com este submundo violentamente trágico que tanto pode criar um Lúcio Flávio quanto manter acesa a revolta dos Querós da vida que não são poucos.

Reginaldo deve ter transferido para o ator Stepan Nercessian, que defende Queró (como aos demais integrantes do elenco, de Cosme dos Santos a Katia D'Angelo, Ivan Cândido, Wilson Grey, Milton Moraes) um pouco do que absorveu fazendo Lúcio Flávio na obra de Babenco. As reações cruas, chocantes, amargas, refletem os pesa-

delos de um mundo onde coragem é medida pela extensão do cano do revólver e lei é uma palavra há muito abolida. *Lúcio Flávio* revirou estômagos. *Barra Pesada* é o vômito que vem depois da pancada." (Orlando L. Fassoni, *Folha de São Paulo*).

## AFRESCO DO SUBMUNDO

"A vivência de Plínio Marcos somada à sabedoria cinematográfica de Reginaldo Faria constrói um afresco do chamado submundo, que na realidade é o cotidiano das grandes cidades brasileiras. *Barra Pesada* é um depoimento sobre o comportamento humano submetido a pressões no beco sem saída desta sociedade, onde se assiste ao duelo final — de um lado, o ser humano (o mocinho), e de outro, as forças organizadas da sociedade (os bandidos)." (Nélson Pereira dos Santos).

## NARRATIVA SECA

"A cada momento, a câmara abandona os personagens para deter seu olho sobre a realidade que os cerca: a sujeira dos cortiços, o trânsito permanentemente engarrafado, um ônibus capotado numa esquina, prédios decrepitos sendo demolidos e flagrantes de bêbados, prostitutas, desocupados, flagrantes de gente igualmente decrepita e também em processo de demolição. A cidade onde o pivete Queró (Stepan Nercessian) tenta tocar para a frente seu incerto dia-a-dia é um lugar de casas e de pessoas que caem aos pedaços. E todas essas cenas da imperceptível violência quotidiana — a que já nem damos mais atenção, por tê-la todos os dias sob os nossos olhos — fornecem o contraponto perfeito para a história do pivete que tenta dar um golpe e tirar os pés da lama mas é impiedosamente chacinado pelos "homens" em cujos calos pisou: os traficantes e os tiras.

Não há mocinhos nem bandidos em *Barra Pesada*. Apenas um sórdido e triste jogo de salve-se-quem-puder, sem heróis e sem saída. Queró sente medo do brutamonte informante da polícia, que lhe rouba o magro produto de seus furtos; e apanha dele sem reagir, até o dia em que consegue matá-lo covardemente. Negritinho (Cosme dos Santos), seu amigo e comparsa, hesita em reagir quando ele é espancado no salão de sinuca; e, no final, não resiste à pressão policial, revelando onde ele se esconde e condenando-o ao massacre. Nenhuma possibilidade de solução se abre para essa gente, em um mundo onde, depois de fuzilar barbaramente o inimigo comum, traficante e policial dão-se amáveis tapinhas nas costas e vão cada um para seu lado. (Não engana a ninguém a frase — totalmente deslocada — que a censura forçou a produção a colocar no final do filme, e que se refere ao desmantelamento, pelas autoridades, da cooperação entre passadotes de droga e tiras corruptos).

Queró, Negritinho, Nana (Katia d'Angelo) — toda essa gente está colocada sob o signo da desesperança e é destruída pela pior forma de violência: a de não possuir a menor perspectiva de safar-se de uma situação absurda, que os condena à trapaça, ao roubo, à morte. É aí que cobra pleno sentido a imagem inicial do filme e que é várias vezes repetida no decorrer da história, até assumir um valor metafórico: a da mãe de Queró (Ítala Nandi), que derrama uma lata de querosene em si mesma e depois acende um fósforo. Toda essa gente miserável que tenta comprar a vida a tiros, murros e facadas está com a roupa embebida em querosene e tem um fósforo aceso nas mãos.

O que dá mais força a esse filme que Reginaldo Faria tirou da história de Plínio Marcos — e que segue pela trilha aberta por *Lúcio Flávio*: a de um filme-policia brasileiro sem maniqueísmos e fundamentalmente enraizado em nossa realidade — é a secura de sua narrativa. Sem grandes artifícios estilísticos, confiando apenas à sua câmara a tarefa de registrar as situações que um elenco surpreendentemente homogêneo recria, Reginaldo Faria dá, em *Barra Pesada*, um instigante depoimento sobre a violência social. De uma força de impacto que consegue até tornar negligenciáveis os deslizos de realização." (Lauro Machado Coelho, *Jornal da Tarde*, SP).

## REALISMO

"O principal mérito de *Barra Pesada* é o de não haver procurado copiar a fórmula do filme policial americano ou francês. Tendo como base um argumento de Plínio Marcos, intitulado *Nas Quebradas da Vida*, Reginaldo Faria ambientou o filme no submundo carioca.

A câmara segue de perto as peripécias de Queró (Stepan Nercessian), um adolescente revoltado, filho de uma prostituta, protótipo do pivete carioca. Pressionado por um olheiro (Wilson Grey) da polícia, agenciador de seus furtos diários, Queró vai à desforra escudado numa arma de fogo: "Com um revólver na mão, a razão está do meu lado". Após o primeiro tiro, a primeira morte. Queró, que se julga vivaldino, cava a sua sepultura ao desrespeitar as regras do crime organizado.

O segundo mérito do filme de Reginaldo Faria é o de não tentar, através do salvo conduto da ficção, impor ao espectador a figura de um policial moldado à semelhança de Kojak & Cia. Pelo contrário. Denuncia a corrupção de policiais que atuam a serviço do crime organizado — e que, às vezes, pelo comportamento, pela violência, pelo aspecto físico, se confundem com os próprios marginais.

Essa visão, desagradável, mas realista, se ajusta ao clima e aos personagens deste universo de





Stepan Nercessian e Milton Moraes.

violência e subdesenvolvimento social. Como diretor, Reginaldo Faria obtém uma visualização adequada à história, através de imagens deprimentes e decadentes, que coexistem com a beleza cartão postal da cidade maravilhosa. Faltou-lhe, contudo, um maior rigor na encenação cinematográfica da violência física, permitindo que, por vezes, essa pareça um tanto artificiosa. Mas o ponto mais vulnerável de *Barra Pesada* diz respeito ao roteiro, algo tumultuado, com um acúmulo de incidentes e personagens retratados sem o necessário aprofundamento psicológico.

Apesar da ausência de uma desejável atmosfera de tensão interior, ou mesmo de densidade humana, a narrativa consegue manter a atenção do espectador. E, artesanalmente, o trabalho de Reginaldo Faria destaca-se pela reconstituição de um cruel quadro de degradação humana e social.

Stepan Nercessian mostra-se à vontade, comunicativo, quando o papel exige aquele tipo de malandragem bem humorada, mas fraqueja nas horas de maior dramaticidade. Em papel pequeno, quase inexpressivo, Lutero Luiz marca um

inesperado e sutil tento pela espontaneidade que imprime à sua breve aparição." (Valério Andrade, *O Globo*)

## O POLICIAL BRASILEIRO

"Chegando depois e com menos alarde comercial, *Barra Pesada* pode sofrer uma comparação negativa com *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia* de Hector Babenco. Eles têm em comum, principalmente, a temática policial e a presença de Reginaldo Faria, no papel principal em *Lúcio Flávio* e aqui como diretor e figurante (ele aparece apenas numa pontinha).

Mas enquanto o filme de Babenco era mais polêmico e corajoso, *Barra Pesada* é uma fita mais bem realizada, igualmente crítica de nossa realidade e do comportamento de nossa polícia. Inclusive a censura, sempre zelosa, obrigou Faria a colocar no final um aviso dizendo que os policiais corruptos haviam sido presos e condenados numa batida no dia seguinte. Essa involuntária contribuição humorística da censura não diminui nada

do impacto do filme, onde a ligação entre os membros da quadrilha de traficantes e os policiais é mostrada com clareza mas também com a dose exata de discreção. Basta um tapinha nas costas, um telefonema para a corrupção ficar constatada.

Não é que tenha faltado coragem ao diretor, é que simplesmente não era isso que interessava ao focar a vida de um pivete marginal, Queró (Stepan Nercessian), filho de uma prostituta (Ítala Nandi) que se queimou viva como um bonzo vietnamita, e que não tem muita alternativa a não ser ingressar numa vida de crime. Mas ele fica com o dinheiro de uma quadrilha de traficantes, quebrando o acordo de cavalheiros entre bandidos e condenando-o a uma perseguição que terminará tragicamente.

É importante não esquecermos que o texto original é de Plínio Marcos, o que garante uma autenticidade de diálogos e situações. Mas esta é a primeira vez em que uma obra de Plínio — mesmo quando roteiros originais como *Rainha Diaba* — não acaba virando apenas *teatro filmado*. Reginaldo soube transformar bem o texto em cinema, dando-lhe tempo e ritmo de tal maneira precisos que, sozinho, o filme desmente aquela famosa afirmação de que “brasileiro não sabe fazer filme policial”

*Barra Pesada* é um filme de Clint Eastwood no estilo e na forma, com temática genuinamente nacional. Pela primeira vez não ficamos constrangidos de assistir a tiroteios (como a seqüência na casa em ruínas) e perseguições (a fuga no retorno do motel), não há problemas de interpretação nem entre os protagonistas — todos excelentes desde o sempre espontâneo Stepan Nercessian, ao irrepreensível Cosme dos Santos e à presença curta mas marcante de Katia D'Angelo — nem entre os simples figurantes.

Há muito tempo, desde sua estréia com *Os Paqueras*, sabia-se que Reginaldo Faria era um bom diretor, mas *Barra Pesada* é sem dúvida seu melhor trabalho, coerente, conciso, sem falhas. E não deixa de ser um fato interessante constatar-mos que Reginaldo esteve envolvido em todos os melhores filmes policiais do cinema brasileiro, seja como ator (como em *Cidade Ameaçada* e *Asalto ao Trem Pagador*, de seu irmão Roberto) seja como diretor. Um filme que, conforme nos afirmou um comprador norte-americano de fitas para circuito de arte, pode ser exibido em qualquer parte do mundo, sem ficar devendo nada a ninguém”. (Rubens Ewald Filho, *O Estado de São Paulo*)

#### IMPRESSIONANTE DOCUMENTO

“O título previne o que será o espetáculo, inclusive, para o espectador: uma barra muito pe-

sada. Não é fácil encarar tal realidade de frente. Não é fácil admitir que ela está aí, ao nosso lado. Não é fácil ver a que extremos de ferocidade os desníveis sociais podem levar o ser humano. A partir de uma história de Plínio Marcos, a quem se deve creditar muito da autenticidade dos diálogos e das situações, Reginaldo Faria — esse ator que há muito vem demonstrando surpreendente talento de diretor — criou um impressionante documento cinematográfico sobre o submundo carioca. Um filme compacto, de ritmo permanentemente tenso, quase sufocante, muito bem interpretado e capaz de conter uma seqüência admiravelmente trabalhada, a da perseguição de carro. Com implacável realismo, *Barra Pesada* acompanha a curta trajetória de um pivete que, na guerra pela sobrevivência, mexe inadvertidamente com os interesses de grupos poderosos. Jogado no mundo por uma explorada prostituta que acaba ateando fogo às vestes, ele segue o seu destino de assalto em assalto, de surra em surra, depois de assassinato em assassinato, até terminar jogado na encosta, com o corpo crivado de balas, vítima de uma estranha ação conjunta de policiais e traficantes. É apenas mais uma vida da qual ninguém tomou conhecimento, enquanto as crianças do morro — os futuros novos pivetes — vão seus opressores. Eis um modelo de filme brasileiro na medida em que sabe conciliar com perfeição o apelo popular com a seriedade de propósitos. E que promete ser, muito merecidamente, um grande sucesso de bilheteria.” (José Haroldo Pereira, *Manchete*)

#### COLOCAÇÃO DA VIOLÊNCIA

“Nas ruas e lojas movimentadas do centro da cidade, dois pivetes passeiam com tranquilidade. Aqui e ali uma corrida depois de arrancar uma bolsa ou carteira guardada com algum descuido. Quando o assalto não dá certo, quando a bolsa está segura com firmeza, quando o dono percebe e impede o roubo, assaltantes e quase assaltados seguem seus caminhos com naturalidade, lado a lado, numa convivência até certo ponto pacífica.

Num edifício abandonado, em demolição, os operários que trabalham na derrubada das paredes ainda de pé assistem a um assassinato. Atraídos pelo barulho dos tiros, eles chegam a tempo de ver a morte de um bandido nas ferragens que sobraram de um andaí. Encontram o assassino com a arma na mão, a vítima agonizando. Só o assassino fala. Explica que matou “o cara porque ele é um alcagüete”. Ninguém mais esboça uma palavra ou gesto. Todos se afastam depois da explicação.

A preocupação principal de *Barra Pesada*, de Reginaldo Faria — levar o espectador a sentir com mais força a violência do dia-a-dia — se realiza de

# BARRA PESADA

modo perfeito nessas duas cenas. E, de certo modo, importa pouco o pedaço da ação que aparece em destaque, os roubos dos pivetes na rua e a violência do crime no prédio em demolição. Mais importante é o que se vê no fundo do quadro, a convivência das pessoas com os pequenos roubos e a indiferença dos que presenciam o crime.

São detalhes de cena como esses que dão a verdadeira dimensão dessa história, violenta o tempo todo, feita só de brutalidade. Tudo se passa como na média dos filmes policiais exibidos recentemente entre nós. Os personagens se agriem com facadas, tiros, chutes e socos, a tela se cobre de vermelho sangue. O que faz de *Barra Pesada* um filme à parte das freqüentes encenações de violência são as coisas que ele pretende levar o espectador a sentir, é a relação que se procura estabelecer entre o que está na tela e a platéia.

Não se trata de colocar o espectador na pele de um herói ameaçado por um qualquer louco agressivo, nem de mostrar a violência como uma doença contagiosa, que toma algumas pessoas e ameaça destruir a sociedade inteira. A violência, em *Barra Pesada*, não se trata de alguma coisa localizável num ponto, capaz de ser isolada e eliminada. A violência é a sociedade, é o sistema geral que se reproduz em mil casos individualizados. Não é uma ameaça à cidade. As pessoas convivem com ela, assim como se o bem-estar de uns estivesse ligado à violência de outros.

O objetivo real do filme é levar o espectador a experimentar de novo, na sala de projeção, as pressões que ele encontra fora do cinema, na rua. Participar do medo e do sentimento de derrota de Queró depois da surra de Nelsão. Participar do desespero de Queró depois de matar o amigo. O objetivo do filme é levar o espectador a jogar pra fora uma pressão contida pelo dia-a-dia. Jogar pra fora, quase assim como faz Queró, desesperado no quarto de Naná, coberto de raiva diante de Teleco." (José Carlos Avellar, *Jornal do Brasil*)

## DISCUSSÃO DE UM CÂNCER

" — Ontem de manhã, no debate sobre *Barra Pesada*, houve um momento em que senti que a gente — eu, tu, todos — nos comportávamos como uma saudável equipe de cirurgiões discutindo o tamanho, a cor, as características do câncer de um paciente condenado à morte.

Essa confissão — talvez a coisa que mais me tenha marcado no recente VI Festival do Cinema Brasileiro de Gramado — me foi feita, quarta-feira de manhã, 22 de fevereiro, pela professora Isolda Paes, certamente a mais assídua e atenta participante dos tradicionais debates que caracterizam nosso Festival.



Rui Resende, Stepan Nercessian e Cosme dos Santos.

Concordo com Isolda.

Também me sinto assim em relação ao filme que Reginaldo Faria dirigiu com base num texto de Plínio Marcos, um cara que sabe das coisas.

*Barra Pesada*, mais amplo do que a narrativa da trágica história de dois pivetes da grande cidade, é a discussão de um câncer. Tumor que se alastra e se multiplica, cada vez mais incorporado à triste paisagem desta e de outras cidades brasileiras.

Não sou ingênuo e faz tempo que deixei de sonhar com moinhos de vento. Sei que não será com imagens — ainda que admiravelmente construídas — e com palavras — ainda que emocionadas e verdadeiras — que se extirpará o mal. Que pode um simples filme onde governos — ainda que bem intencionados — diariamente somam novos fracassos?

Não é esta a proposta e a intenção de *Barra Pesada*. Reginaldo compreendeu bem a parcela que lhe cabe e a cumpre com exemplar rigor e honestidade. *Barra Pesada* aponta o câncer. Principalmente, deixa claro que ele só poderia existir e crescer num corpo socialmente enfermo.

O grande mérito e força maior de *Barra Pesada* é essa sua lucidez, sua consciência. É essa tarefa que tão bem a professora Isolda Paes intuiu: a de nos colocar no incômodo papel de cirurgião. (Seria bom que não tivéssemos visto *Barra Pesada*, pois teríamos a desculpa de que não sabíamos de nada, que não era conosco que Reginaldo-Plínio falavam).



Reginaldo filma com raiva, sem concessões. Pior: nos envolve irremediavelmente. (Eu sei porque estive em Gramado e vi como o público saiu do cinema, senti como reagiu durante a projeção da fita.)

Queró e Negritinho são milhares de brasileiros, mas Reginaldo os resgata desse cômodo anonimato das estatísticas. (Números são fáceis de engolir e não causam nenhuma indigestão e constrangimento, não é mesmo?)

*Barra Pesada* insiste em nos lembrar que Queró e Negritinho permanecem seres humanos. À primeira vista, tal preocupação pode parecer dispensável: quem de nós não sabe que esses "crioulinhos de morro" são gente? Chato é que, de tanto os vermos deitados na rua, vivendo e comendo como bichos, terminamos esquecendo que são nossos iguais (iguais?).

Daí a ênfase de Reginaldo filmando sonhos, esperanças e desesperanças de Queró e Negritinho. Daí a preocupação em mostrar que Queró — filho de prostituta e pai desconhecido, pivete por profissão e necessidade — mata para manter sua dignidade. Queró — Reginaldo nos diz — apesar de tudo, ainda tem lugar para o amor em seu coração de vinte anos. Por isso as seqüências de seu encontro e identificação com Ana, adolescente e prostituta; do jantar no restaurante sonhando — de novo os sonhos — o direito de ter uma casinha, um emprego decente, filhos. O direito de ter esperança.

Mas não há lugar para devaneios no mundo a que Queró foi condenado. Impulsivo e revoltado, abre seu espaço usando a mesma violência empregada por aqueles que dele se aproveitam. Quando descobre que o submundo tem suas próprias leis e hierarquia, é tarde. Sua afoiteza interfere com os planos dos chefões do tráfico de drogas e atrapa-lha os interesses dos policiais comprometidos com os mafiosos.

Policiais corruptos e traficantes, unidos, transformam o corpo de Queró numa pasta de carne. Ele foi um pivete que não soube qual era seu lugar...

Sobrevive Negritinho, mais fraco que Queró. Mas a sobrevivência lhe custa a morte do amigo e o respeito por si mesmo. Dignidade da qual Queró — pivete e assassino — jamais abriu mão.

Assim é *Barra Pesada*, um filme amargo e violento que procura nos arrancar — ao menos isso — dessa postura sonolenta e passiva com que vamos aceitando esses querós que nos rodeiam simplesmente como parte de uma ingrata e irremovível paisagem. A violência, a fome, a miséria, fazem parte de nosso mundo e entram em nossas casas — pelo vídeo da tv, pelas notícias dos jornais... — com tamanha naturalidade que nos acostumamos a conviver com o câncer. *Barra*

*Pesada* lembra em boa hora que essa letargia poderá ser fatal. E que, de uma ou de outra forma, estamos todos envolvidos". (Ivo Egon Stigger, *Folha da Tarde*, RS).

## A PALAVRA DO DIRETOR

"Não procuro mitificar as personagens. Não pretendi fazer um Kojak e ninguém é bonzinho. Todos participam do mesmo contexto: polícia e bandido. É um retrato social de uma faixa marginalizada que existe, onde homens devoram os homens. Procuro manter uma feição muito nossa, própria, brasileira, carioca, mas universal, sem importar qual a sua origem.

Filmar *Barra Pesada*, inspirado no argumento de Plínio Marcos *Nas Quebradas da Vida*, sem fazer concessões, foi realmente uma barra. Revira o estômago e gratifica ao mesmo tempo esse revirar, porque é vivo, é nu-e-cru. É um soco que não podemos deixar de levar, e cada vez que o levamos, refletimos sobre a dimensão de sua obra." (Reginaldo Faria)

*Direção:* Reginaldo Faria. *Argumento:* Plínio Marcos (*Nas Quebradas da Vida*). *Roteiro:* Reginaldo Faria. *Fotografia:* Fernando Duarte. *Fotografia adicional:* José Medeiros. *Câmeras:* Fernando Duarte, José Medeiros e Reginaldo Faria. *Som direto:* Mário da Silva e Vitor Raposo. *Cenografia e Figurino:* Arthur Maia. *Diretor de Produção:* Pedro Aurélio Gentil. *Supervisão:* Rivanides Faria. *Efeitos Especiais:* Wilmar Menezes. *Montagem:* Waldemar Noya. *Música:* Edu Lobo. *Elenco:* Stepan Nercessian (Queró), Cosme dos Santos (Negritinho), Katia D'Angelo (Ana), Wilson Grey (Teleco), Ivan Cândido (comissário), Milton Moraes (Florindo), Ítala Nandi (mãe de Queró), Elsa Gomes (Dona Quita), Banzo Africano (Nelsão), Marcus Vinicius (Brandão), Rui Resende (Tainha), Lutero Luiz (Guégué), Rui Polanah (pai de santo), Reginaldo Faria (cafetão da mãe de Queró), Fábio Camargo (Naná), Radar (ajudante do Comissário), Cláudio D'Oliani (americano), Mário Petraglia (dono do carro roubado no posto de gasolina), Haroldo de Oliveira (Chupin), Milton Villar (Serafim), Expedito (peru de sinuca), Newton Couto (cafetão de Ana), Kim Negro (passador de tóxico), Catalina (velhinha da pensão). *Produção:* Produções Cinematográficas R.F. Farias. *Distribuição:* Ipanema Filmes e Embrafilme. Brasil, 1977.

## PRÊMIOS

VI Festival de Gramado (1978): Melhor Trilha Musical (Edu Lobo), Melhor Atriz (Katia D'Angelo), Melhor Ator Coadjuvante (Ivan Cândido) e Troféu Imprensa.